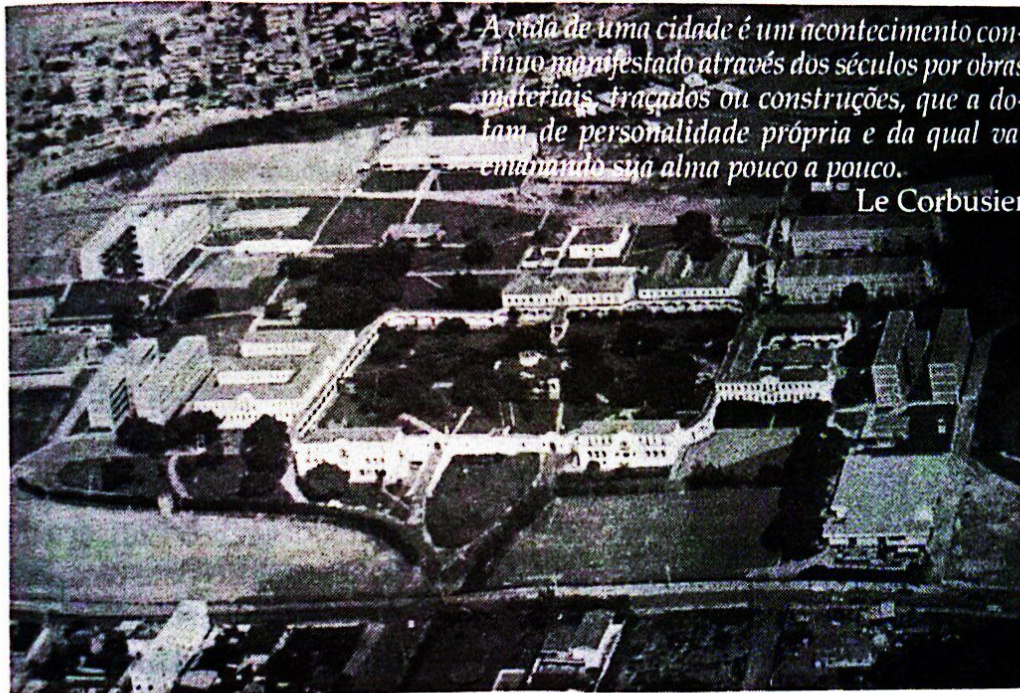


PUC•MINAS: PATRIMÔNIO AMBIENTAL DE BELO HORIZONTE

Cláudio Listher Marques Bahia*

A vida de uma cidade é um acontecimento contínuo manifestado através dos séculos por obras materiais, traçados ou construções, que a dotam de personalidade própria e da qual vai entalhando sua alma pouco a pouco.

Le Corbusier



Vista geral do campus da PUC•Minas

Este Registro Documental, elaborado a partir da análise de documentos, pesquisa histórica e testemunhos referentes ao conjunto arquitetural e à mata do antigo Seminário do Coração Eucarístico de Jesus em Belo Horizonte, atual Campus da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC•Minas), estabelece essencialmente, não apenas a definição do patrimônio no seu aspecto meramente físico, mas a sua transcendência conceitual, ultrapassando os termos de tombamento de bens patrimoniais arquitetônicos e assumindo a arquitetura como patrimônio ambiental urbano. Trata-se, antes de tudo, de abordar a arquitetura como um fato social, produto de uma sociedade

* Coordenador do Conselho Técnico-Administrativo do curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC•Minas.

Fotos da PUC•Minas – Arquitetos Alexandre Rousset e Tereza Bruzzi.

específica, sendo imprescindível o exame de como ela é produzida em sua instância artística, social, cultural, econômica e histórica.

Falar de patrimônio arquitetural como valor ambiental urbano é, direta ou indiretamente, falar de memória social, onde a cidade assume seu real significado: espaço vivencial da humanidade.

Assim, a Secretaria Municipal de Cultura, em junho de 1992, através de seu Conselho Deliberativo, reconheceu como patrimônio cultural de Belo Horizonte a mata e o conjunto histórico arquitetônico do Campus da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

UM SEMINÁRIO, UMA UNIVERSIDADE E UM BELO HORIZONTE

Sem memória não há presente humano
Jorge Askar

O vetor oeste de expansão urbana de Belo Horizonte apresenta, em sua evolução, a fusão da história do Seminário do Coração Eucarístico de Jesus e da Pontifícia Universidade Católica: o Seminário data da época da consolidação da nova capital do Estado, e ambas as instituições desempenharam, e a PUC•Minas ainda desempenha, fundamental papel sociocultural e econômico, não apenas em sua abrangência metropolitana, mas principalmente como agentes transformadores do espaço urbano e promotores de desenvolvimento da região oeste belo-horizontina.

Após a Proclamação da República, em 1889, as lutas políticas em Minas Gerais centralizavam como questão a mudança da capital do Estado, até então em Ouro Preto. A necessidade da mudança era compartilhada não só pelas novas forças econômicas emergentes, associadas aos ideais republicanos (para os quais Ouro Preto representava a velha ordem), como também por grupos vinculados a Ouro Preto, que reconheciam as deficiências da cidade como capital. Entretanto, não havia, por outro lado, consenso quanto à localização da nova sede administrativa estadual, disputada por várias regiões. Porém, confirma-se nos relatos históricos que a escolha constituiu-se apenas em uma decisão

política, onde condições técnicas e custos de implantação foram subjugados a segundo plano: Belo Horizonte, situada no centro do Estado, representava, além da quebra da velha ordem política ligada à mineração, uma tentativa de articulação e reorganização da economia mineira. A nova capital foi planejada e em seu traçado urbanístico edificou-se o ideário republicano.

A instalação da nova capital teve seu período inicial (1889 a 1920) caracterizado pelo processo de ocupação da cidade, afirmando-se como pólo administrativo do Estado. Após uma fase de crescente ritmo de ocupação, que vai até 1913, a construção da cidade entra em colapso quando estoura a Primeira Guerra Mundial e a conseqüente paralisação gradativa da importação de materiais de construção largamente utilizados na época. O final da guerra coincide com o encerramento desse período inicial.



Vista parcial – Prédio 3

Belo Horizonte, em seu segundo momento histórico (1920 a 1937), com a retomada do ritmo de construção e crescimento, consolidou-se não apenas como pólo administrativo, mas também como centro cultural, entreposto comercial e local de concentração de indústrias de bens de consumo. A cidade cresceu radialmente, acarretando problemas de carências de serviços urbanos. Foi exatamente nesse período que se instalou, em 1927, o Seminário do Coração Eucarístico de Jesus de Belo Horizonte, no então Bairro Bela Vista, reforçando a tendência de destinação do vetor oeste da cidade para o assentamento de usos de grande porte, dadas as condições topográficas privilegiadas da região. A ocupação desse vetor foi iniciada pela implantação do Hipódromo do Prado Mineiro (que

logo cede espaço para o Regimento de Cavalaria) e pela Fazenda da Gameleira (que em pouco tempo se tornou o principal estabelecimento de ensino agrícola do Estado). Nessa mesma época, a região começou a ser ocupada por estratos menos favorecidos da sociedade, notadamente por imigrantes, porém em melhores condições de infra-estrutura em relação ao período anterior, cujo assentamento predominante por operários da construção civil não dispunha de serviços de abastecimento de água e esgoto. A região também passou a ser beneficiada pela instalação do ramal de bitola larga BH-Ibirité, melhorando o transporte ferroviário (trens de subúrbio).

No terceiro período (1937 a 1950), registrou-se o golpe do Estado Novo e Belo Horizonte teve como meta a implementação do projeto de industrialização. Tal projeto caracterizou-se pela recuperação da ideologia da modernização, que gerou também o embrião da aglomeração metropolitana, fruto do crescimento desordenado do espaço urbano. Nessa época, com a implantação da zona industrial de Belo Horizonte no vale do Arrudas, consolidou-se a tendência de ocupação do vetor oeste da cidade por indústrias e população operária. A criação da Cidade Industrial Juventino Dias e a abertura da Avenida Amazonas têm impacto significativo sobre a área. É nesta mesma ocasião que o projeto de fundação de uma Universidade Católica no Estado de Minas Gerais foi proposto. Para realizar o projeto foi fundada a Sociedade Mineira de Cultura, cujo estatuto foi aprovado em 24 de junho de 1948, constituindo-se ainda hoje como a mantenedora da PUC•Minas.

Em sua quarta etapa histórica (1950 a 1967), Belo Horizonte emergiu como metrópole industrial subdesenvolvida: a partir do crescimento da indústria e da expansão urbana por agregação periférica, sem investimentos proporcionais em serviços sociais e infra-estrutura, desencadeou-se a metropolização, delineando as marcas da estrutura atual do município. A cidade apresentou como mais importante vetor de crescimento o oeste (eixo da industrialização de Belo Horizonte), tendo como principal ligação a Avenida Amazonas. Intensificaram-se a ocupação da área e seu processo de favelamento, reforçando sua fragmentação e desarticulação interna, acentuada pela abertura do Anel Rodoviário. O plano de urbanização do Bairro Bela Vista, realizado em 1949 pelo projetista Alcides Cassino Dias e aprovado em 1952 pelo Prefeito Américo

René Giannetti, transformou definitivamente a paisagem local. É nessa época, em 1958, que a Universidade Católica de Minas Gerais (UCMG) foi reconhecida. Porém, não ocupava ainda as dependências do Seminário, situando-se à Avenida Brasil, junto ao Palácio Arquidiocesano.

No período de 1967 a 1977, como uma quinta etapa, verificaram-se a consolidação do processo de metropolização de Belo Horizonte e o aprofundamento da segregação do espaço urbano. O movimento militar significou a ruptura da experiência democrático-populista, a mudança na estrutura do poder, no padrão de acumulação de capital e na organização social, e, ainda, o fortalecimento do poder Executivo, que em nome da *segurança nacional*, alijou toda a sociedade civil com suas medidas extremadas de autoritarismo. Nesse quadro de crise, ressaltaram-se como resultado da política econômica: inflação alta, elevada dívida externa e expansão dos gastos públicos. A implantação de serviços de infra-estrutura em algumas áreas da porção oeste belo-horizontina determinou o adensamento populacional, sendo sistematicamente ocupadas por população de maior renda, como os bairros Nova Suíça, Prado, Barroca e Coração Eucarístico (antigo Bela Vista). Este último teve modificação determinante do seu padrão social com a implantação do Campus da Universidade Católica de Minas Gerais, no local do Seminário do Coração Eucarístico de Jesus. Intensifica-se em outras áreas dessa mesma região o processo de favelamento e de desarticulação interna, com a implantação do Cemitério Parque da Colina.

A partir de 1977, Belo Horizonte, não diferente do restante do país, sofreu a crise do modelo de desenvolvimento até então adotado, conseqüentes problemas econômicos e o ressurgimento dos movimentos sociais urbanos. Em virtude da aprovação da primeira Lei de Uso e Ocupação do Solo, em 1976, a formação do espaço urbano passou a ser controlada com rigidez, estabelecendo-se as possibilidades de utilização de cada ponto da cidade e reforçando-se o processo de verticalização. Na região oeste de Belo Horizonte, a fragmentação é acentuada com a abertura da via Leste-Oeste, forte barreira interna, que, apesar disto, contribuiu para a valorização imobiliária local. É nessa época (1983), que a Universidade recebeu o título de Pontifícia.

O SEMINÁRIO: A RAZÃO DE SER

Obra de capital importância na formação sacerdotal, o Seminário transforma-se numa obsessão para D. Antônio dos Santos Cabral, que o entendia como um centro de formação de “padres apóstolos para a grande cruzada de restauração da pátria”. Em 1923 a obra começou pequena, ocupando três prédios da Rua Rio Grande do Norte, onde se instalaram o Palácio Episcopal, Reitoria, Filosofia e Teologia, dormitório e salão de estudos do curso preparatório. Em 1925, foi comprado um magnífico terreno no então Bairro Bela Vista, pela quantia de 120\$00 contos, para a construção do edifício do Seminário.

A obra exigia elevados gastos e, para incentivar e alentar o entusiasmo de seus diocesanos, D. Cabral, em primeiro de maio de 1927, escreve uma Carta Pastoral em que descreve “a finalidade, a necessidade de construir um Seminário que fosse modelo e de acordo com todas as exigências dos fins da cultura, higiene e civilização da nossa Capital”. Nela se encontra o apelo veemente incentivando a colaboração de todos para a grande obra que pretendia realizar:

Urge, pois, erigir o novo monumento, o Seminário da arquidiocese de Belo Horizonte, coração e cabeça do próspero e pujante Estado de Minas que nesta magnífica cidade universitária, onde pompeiam soberbos edifícios de instrução e afamadas Escolas Superiores, compreendendo todos os departamentos e especializações das ciências humanas, não nos falte, em inexplicável e humilhante lacuna, o edifício condigno à Escola Superior o instituto de formação apurado do nosso clero com tantas responsabilidades e direitos no engrandecimento futuro de Minas Gerais. Não se trata, como se vê, de uma obra suntuosa ou de mera decoração para a donairoza Capital mineira. Muito ao invés, será uma ampla e confortável construção de estilo sóbrio, dispondo, porém, de todos os requisitos de higiene e bem-estar e, onde promete o futuro próximo desta populosa arquidiocese, se venha abrigar os eleitos ao sacerdócio. Ali nada lhes deverá faltar e tanto estará proporcionando a ministrar-lhes a mais completa formação de espírito, inteligência e coração, na complexidade dos atributos que fulgirão do Padre, em harmonia com os reclamos e exigências da cidade nossa contemporânea.

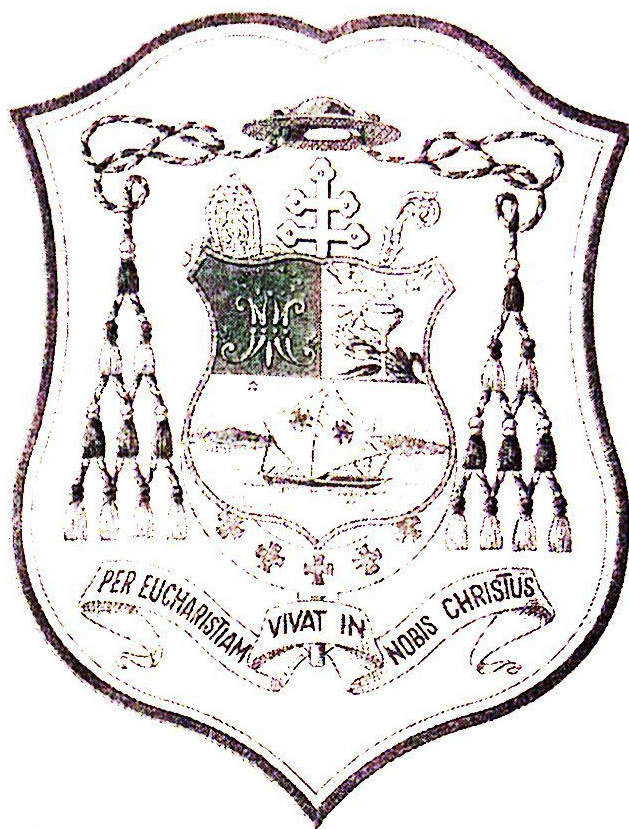
O impacto da Carta Pastoral foi enorme: uma corrente de colaboradores formou-se no Estado, criaram-se Cadernetas e Bolsas, Fundadores e Benfeitores do Seminário e muitas doações apareceram por toda a par-

te. A Carta determinava o dia 13 de julho de 1927 como a data escolhida para o lançamento e bênção da primeira pedra do Seminário, porém, posteriormente, a Cúria Metropolitana comunicou que o dia definitivo para essa solenidade seria 14 de agosto de 1927.

Assim, nessa data, Belo Horizonte amanheceu mais festiva, como descreveu o jornal **O Horizonte**:

Lindamente engalanado por mulheres com bandeirinhas, o Bairro Bela Vista apresentava-se festivo e alegre. Do alto da colina um horizonte deslumbrante oferece-se aos olhos do espectador. Dali se descortina a cidade na beleza de sua estética, na grandeza de suas avenidas e ruas soberbamente traçadas, na contemplação de seus elegantes edifícios e arborização incomparável. Ao longe, a serra da Piedade se ergue altaneira e, no seu cume, se vê a branca ermida de Nossa Senhora da Piedade. Contornando a Cidade, a serra do Curral a emoldura ricamente, deixando ver de seu pico elevado a sua grande cruz que parece abrir os braços para abençoar e abrigar a nossa capital. Vales, rios, fazendas e campos festejam, num concerto maravilhoso, o belo recanto da Bela Vista, nome que tão certamente se justifica.

Desde cedo, grande número de pessoas se dirigiu ao local, conduzido por carros, plataformas e dois trens da Rede Ferroviária Oeste que desembarcaram às 7h30 e 8h30. Por volta das 9h, chegaram ao local as autoridades e paraninfos convidados para a festa, que foi presidida por D. Antônio Santos Cabral e o Presidente do Estado, Dr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada. Eram, também, presenças marcantes: Mons. João Rodrigues de Oliveira, Vigário Geral do Arcebispado; Mons. Alfredo Pegado, Vigário Geral de Natal; Dr. Gudesteu Pires, Secretário das Finanças; Dr. Abílio Machado, Diretor da Imprensa Oficial; Deputado Ignácio Murta, Presidente da Câmara dos Deputados; Cap. J. Gabriel Marques pelo Dr. Bias Fortes, Secretário de Segurança Pública; Sr. Henrique Renault pelo Dr. Djalma Pinheiro Chagas, Secretário da Agricul-



AS ARMAS DE D. CABRAL

tura; Dr. Christiano Machado, Prefeito da Capital.

Então, benzeu-se a pedra-símbolo do novo edifício, que foi assim descrita no Livro de Tombo do Seminário:

Defronte da primeira pedra ergue-se um cruzeiro tosco, fabricado com madeira tirada dali mesmo. Esta Cruz tosca estava entrelaçada de trepadeira e flores que a tornavam formosa e elegante, dando a todos um aspecto festivo, feliz e sublime. Talvez aquela cruz rude seja a imagem do futuro Seminário. Hoje, tudo ali ainda é primitivo e tosco, mas dentro de alguns anos estará transformado em soberbo edifício e bairro populoso, cheio de vida e de alegria.

Em 28 de novembro, deu-se o início da construção e, no dia 19 de fevereiro de 1930, foi inaugurado o primeiro prédio, para onde foram transferidos os seminaristas da Rua Rio Grande do Norte. Esse edifício, a princípio, abrigou o Seminário Maior e Menor e, posteriormente, a Teologia; hoje corresponde ao prédio 6 – Instituto de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Em fevereiro de 1934, o Seminário Menor passou a ocupar seu espaço próprio com a conclusão das obras do segundo pavilhão, atual prédio 3, que abriga o Instituto Politécnico e Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC•Minas. Em junho deste mesmo ano (1934), eram inauguradas as instalações do refeitório, que correspondem hoje ao prédio 4 (Coordenação de Mestrados e ASSUC), e ainda, anexo a esse prédio, uma pequena construção destinada às Irmãs do Monte Calvário, responsáveis pela direção da cozinha, atual prédio 8 (Casa da Comunidade). Pouco mais de um ano após a inauguração do prédio do Seminário Menor, em 13 de junho de 1935, era inaugurado o prédio que receberia a Reitoria, onde hoje funcionam Pró-reitorias, uma agência bancária e outras unidades administrativas (prédio 1). Em 7 de março de 1941, era inaugurado o pavilhão da Filosofia, atual Faculdade Mineira de Direito, prédio 5 do Campus. Em 1951, foi construído o prédio dos professores, onde funciona atualmente a Reitoria, prédio 2. Mais tarde, em 1953, foi construído o edifício no jardim central, que serviria como Biblioteca e onde hoje funciona o Serviço de Ensino, atual prédio 7. Em 1966, um dos edifícios foi cedido à Universidade Católica de Minas Gerais (UCMG) para funcionamento do Instituto Politécnico (IPUC). No

ano de 1969, o Seminário do Coração Eucarístico de Jesus foi transferido para a Rua Monsenhor Horta, n. 369, no Calafate. Desde setembro desse mesmo ano, os seus prédios foram ocupados pela UCMG.

A UNIVERSIDADE: UM PROJETO INTELECTUAL

A Universidade Católica de Minas Gerais foi criada no dia 2 de junho de 1958, tendo o decreto oficial sido assinado pelo Presidente da República Juscelino Kubitschek, em 12 de dezembro do mesmo ano, confirmando como Reitor o Padre José Lourenço da Costa Aguiar. Mas o projeto de uma Universidade Católica no Estado foi proposto pelo Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte, Dom Antônio dos Santos Cabral, a um grupo de intelectuais mineiros: "Há no Brasil diversas universidades católicas, Minas, vanguardeira das sãs iniciativas, imitará o gesto de seus irmãos da Federação".

Para a realização do projeto, foi fundada a Sociedade Mineira de Cultura, cujo estatuto, aprovado em 24 de junho de 1948, sem fins lucrativos, destinava-se à instituição e à administração das faculdades e institutos que integrariam a futura Universidade. A incorporação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria, fundada por uma comunidade de madres dominicanas, constituiu o primeiro ato da Sociedade Mineira de Cultura, sendo também criada em 1948, a Faculdade Mineira de Direito. O reconhecimento da Universidade Católica de Minas Gerais estabeleceu-se através do Decreto n. 45.046, quando se constituiu o núcleo básico, formado não só pelas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria e a Faculdade Mineira de Direito, mas também pela Faculdade de Enfermagem Hugo Werneck, a Escola de Serviço Social de Minas Gerais, e ainda a Faculdade de Ciências Médicas e a Escola de Educação Física, estas duas últimas desvinculadas posteriormente. De 1958 a 1967, foram criados o Instituto de Psicologia, a Escola de Cinema (mais tarde transformada em Faculdade de Comunicação Social), o Instituto Politécnico e o Instituto de Filosofia e Teologia. O início da formação do Campus Universitário no antigo Seminário do Coração Eucarístico de Jesus de Belo Horizonte se deu no ano de 1970. De 1971 a 1976, incorporaram-se também ao conjunto universitário a Faculdade Municipal de Ciências Econômicas e a Universidade do Tra-



Piso em ladrilho hidráulico –
Hall prédio 3

balho, esta última em Coronel Fabriciano.

Foi em 1983 que ocorreu a ascensão da UCMG à condição de Pontifícia Universidade. E, mais recentemente, fundou-se a PUC Contagem em 1991, inauguraram-se a PUC Betim em 1995, e a PUC Poços de Caldas em 1996.

Conforme os primeiros artigos de seu estatuto, a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais é uma entidade particular de educação superior destinada a assegurar de maneira institucional uma presença católica no mundo da cultura e contribuir com seus próprios esforços para aquisições do saber humano no campo da pesquisa, com uma contínua reflexão à luz da fé do catolicismo. A PUC•Minas tem por finalidade:

- contribuir para a elaboração da cultura e a sua transmissão, valorizando seus conteúdos à luz da doutrina da Igreja;
- promover pesquisa filosófica, tecnológica, científica, teológica e artística;
- formar pessoal para o exercício das profissões liberais, técnico-científicas, de magistério e artísticas, bem como para o exercício dos magistérios eclesiais;
- incentivar o diálogo interdisciplinar, a integração entre os diversos ramos do saber, e o encontro entre a ciência e a fé católica, na investigação da verdade e na reflexão dos problemas humanos;
- cooperar com as entidades públicas, privadas, nacionais ou internacionais, na realização de pesquisa e na prestação de serviços;
- cooperar no desenvolvimento socioeconômico e cultural, regional e nacional;
- contribuir para o bem comum, no campo social e cultural, promovendo os valores cristãos na sociedade.

Historicamente, a PUC•Minas vem dedicando-se sobretudo ao ensino de graduação, somando-se hoje 28 cursos:

- Administração
- Arquitetura e Urbanismo
- Ciência da Computação
- Ciências
- Ciências Contábeis
- Ciências Econômicas
- Direito
- Enfermagem e Obstetrícia
- Engenharia Civil
- Engenharia de Controle e Automação
- Engenharia Elétrica
- Engenharia Eletrônica e de Telecomunicação
- Engenharia Mecânica
- Engenharia Mecatrônica
- Filosofia
- Geografia
- História
- Jornalismo
- Letras

- Matemática
- Odontologia
- Pedagogia
- Pedagogia com ênfase em Ensino Religioso
- Psicologia
- Publicidade e Propaganda
- Relações Internacionais
- Relações Públicas
- Serviço Social

Além das suas atividades regulares na graduação, constituem também importante ação da PUC•Minas a pesquisa, a pós-graduação e o empenho em iniciativas sociais para a integração e prestação de serviços a comunidades carentes, como assistência judiciária gratuita, clínicas de Psicologia e de Odontologia, escritório de Arquitetura e Urbanismo. Na pós-graduação *stricto sensu* são mantidos o mestrado e doutorado em Letras, e os mestrados em Engenharia Elétrica e Tratamento da Informação Espacial. Na pós-graduação *lato sensu* o programa PREPES atende, desde 1974, aproximadamente 1200 professores e profissionais a cada módulo semestral, com cerca de 50 cursos das mais diversas áreas. E, ainda, como um centro de fomento aos cursos de extensão e de pós-graduação *lato sensu*, o Instituto de Educação Continuada (IEC) foi criado em 1995, com o objetivo de oferecer atualização e reciclagem aos profissionais, além dos programas desenvolvidos junto às empresas no atendimento de suas demandas específicas.

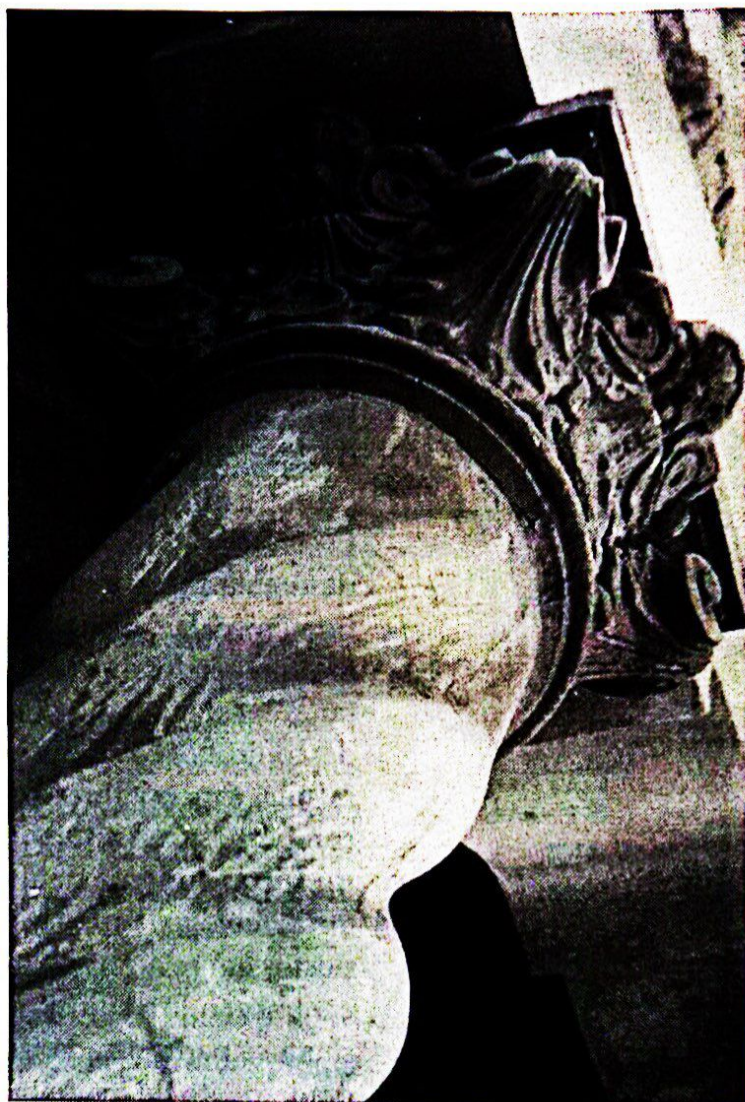
Atualmente, a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais tem seu *campus* consolidado em uma área de 334.731m², sendo 60.648m² de área construída, 68.450 m² de área verde, incluindo reserva ecológica, 48.060m² de área de esporte e lazer e 157.573m² de jardins, circulação e estacionamento, e conta com aproximadamente 18.000 alunos, 800 professores e 400 funcionários.

A ARQUITETURA: EDIFICAÇÃO DE UM SONHO

No final do século XVIII, a Revolução Industrial e Cultural determinou uma mudança na maneira de encarar o passado, assumindo-se um pro-

cedimento mais científico. A nova abordagem provocou uma onda de nostalgia romântica, aliada ao historicismo de enciclopédia, resultando nos vários *revivals* ecléticos, característicos das artes ocidentais do século passado, que englobaram também a restauração.

Assim, conforme a historiadora Heliana Angotti Salgueiro, a construção de Belo Horizonte, caso singular da arquitetura brasileira na era republicana, surge como a capital encomendada sob o signo da modernidade arquitetônica, via modelos europeus do século XIX, que se caracterizaram pela afirmação da História e Arqueologia, e compreenderam, a partir de fragmentos arquitetônicos do passado, uma composição do *novo estilo*, adequado aos recursos dos novos materiais industrializados. Os estilos diversificados presentes na arquitetura brasileira a partir de meados do século passado vêm sendo prematuramente identificados sob um só rótulo: ecletismo – terminologia imprecisa em nível conceitual e histórico em nosso país, pois compreender o século XIX é entender sua dupla natureza, industrial e artística, técnica e formalista, clássica e inovadora.



Detalhe da coluna do alpendre central

A história da arquitetura de Belo Horizonte pode ser, grosso modo, dividida em duas etapas: de 1894 a 1914 – fase da *construção* – e de 1918 até anos 30 – fase da *consolidação*. O conjunto arquitetônico do antigo Seminário do Coração Eucarístico de Jesus (1927), atual Campus da PUC•Minas, insere-se na segunda fase, através de sua instância histórica e de sua instância estética, como elemento significativo e representativo de um momento sociocultural de Belo Horizonte. Isto é expressado em sua arquitetura singela, mas impondo-se como um dos importantes registros do seu tempo.

Dos trinta e sete edifícios que compõem o Campus da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, apenas oito constituem o harmonioso conjunto histórico-arquitetônico, traduzido por uma monumentalidade singela, edificado para abrigar o antigo Seminário do Coração Eucarístico de Jesus.

O projeto foi executado por J. Poley, do Rio de Janeiro, auxiliado pelo projetista Audemaro Costa. A concepção do projeto integrou-se perfeitamente ao meio geográfico no qual foi implantado: um altiplano, que lhe conferia destaque no horizonte, impondo-se na paisagem a partir da Avenida Amazonas.

O caráter rígido do projeto baseia-se na intenção racionalista em prol da regularidade geométrica e na crença no domínio da natureza pelo homem, característicos de sua época. Assim, o partido geral de implantação estabeleceu-se através de um grande jardim central de forma retangular, delimitado por um alpendre para circulação entre os edifícios do conjunto, composto de arcada de arco de círculo, sustentado por mísulas e maravilhosa colunata salomônica, encimadas por capitéis tipo compósitas, constituindo grande claustro monacal. O alpendre conferiu surpreendente unidade à diversidade dos então pavilhões da Reitoria, Teologia, Seminário Menor, Filosofia, Professores e Refeitório, dispostos em relação ao jardim central de maneira simétrica e periférica, centralizando o edifício da biblioteca. A construção das edificações apresenta-se padronizada em alvenaria de tijolo cerâmico; telhado em engradamento de madeira de lei e cobertura de telhas cerâmicas do tipo francesa, limitada por platibanda com acabamento de telhas do tipo colonial; pisos em tábuas corridas de madeira; grande variedade de belíssimos ladrilhos hidráulicos; janelas de madeira pintada com folhas de abrir compostas de vidro, veneziana e postigo, e também as portas de madeira com folhas almofadadas e bandeira fixa com vidro fantasia; artesoados e elementos decorativos em gesso e argamassas pré-fabricados; grades, guarda-corpos, corrimãos, gárgulas e portões em ferro fundido.

Caracterizada pela atitude eclética, a arquitetura do Seminário foi concebida segundo uma manifestação neocolonial, ao gosto da arte tradicional mineira. A elevação principal, situada na atual Avenida Dom José Gaspar, composta hoje pelas fachadas dos prédios 1, 2, 3 e 6, bem como

as fachadas dos pavilhões voltadas para o jardim central, transcendem suas funções de frontalidade, caracterizando-se como cenários, explicitando a participação do indivíduo citadino e usuário no “grande teatro da vida urbana”. Essas elevações dos prédios 1, 2, 3 e 6 diferenciam-se das demais pelo seu detalhamento ornamental: composição simétrica, tendo sempre na sua porção central frontões de arco de círculo, nos áticos cartela, medalhões ou brasões, balcões ou janelas sobre bacias em forma de concha, remetendo o conjunto aos velhos chafarizes da era colonial mineira. A composição desses edifícios revela uma encantadora harmonia, mesmo faltando o elemento principal, a majestosa capela, prevista no projeto original e não executada, que ocuparia o centro do conjunto arquitetônico voltado para a Avenida Dom José Gaspar, impondo-se sobre a entrada principal.

Todos os edifícios escondem nas fachadas suas coberturas de telhas tipo francesa atrás de platibandas compostas de cimalha e acabamento de telha tipo capa e bica, conferindo a todo o conjunto arquitetônico a aparência do barroco mineiro. O ritmo, as cores, a profundidade dos meios marcos e as dimensões das janelas imprimem caráter e quebram a possível monotonia dos volumes edilícios geometricamente regulares, constituindo uma bela e simples composição arquitetônica externa e internamente.

À exceção das fachadas frontais de todos os edifícios, os atuais prédios 1 e 2 apresentam no primeiro andar uma bela galeria com arcos plenos e, no andar superior, dois espaçosos terraços, dispostos simetricamente em relação ao frontão, balcão e chafariz, elementos de composição central das elevações. Ressalta-se, no ático do prédio 1, o brasão com as armas episcopais de Dom Antônio dos Santos Cabral. Esses edifícios erguem-se lateralmente. Em primeiro plano, há um painel de alvenaria, composto por dois belos portões de ferro fundido, com detalhes dourados, encimados por sobreverga, semelhantes aos frontões dos edifícios, e muro arrematado por cimalha e telha tipo colonial, constituindo esse belo conjunto a atual entrada principal do *campus* da PUC Minas, na Avenida Dom José Gaspar.

Percebe-se uma diferenciação decorativa e de detalhamento arquitetônico dos espaços internos dos prédios, caracterizada basicamente pelas

épocas distintas de suas construções. Diferenciação presente mesmo em alguns edifícios projetados simetricamente na implantação, o que lhes impunha igualdade arquitetônica. Nessa simetria, as edificações se agrupam duas a duas:

- os prédios 6 e 3 (antigos espaços destinados à Teologia e ao Seminário Menor, respectivamente) apresentam fachadas praticamente iguais e partido arquitetônico idêntico, com dois pátios internos cada um, em claustro com arcada salomônica igual à do claustro do jardim central. Esses pavilhões diferem na divisão interna; enquanto no projeto original o prédio 6 apresentava quartos individuais para os teólogos, o prédio 3 tinha amplos salões-dormitório e amplas salas de estudo. Tendo sido o prédio 6 o primeiro a ser construído, é o mais ricamente ornamentado internamente: apresenta amplo *hall* com uma bela escada de acesso ao segundo pavimento, em mármore branco, com guarda-corpo em ferro fundido trabalhado, corrimão em metal dourado, e, na parede de fundo, um lindo vitral cuja cena retrata Jesus e dois discípulos em meio a um campo de trigo. Todo o trabalho em metal foi executado por Luigi Martini em sua serralheria em Belo Horizonte. O prédio 3 tem também amplo *hall*, porém com ornamentação mais modesta, apresentando uma escada de madeira que começa com dois lances e, após um patamar intermediário, se desenvolve em apenas um tramo, que dá acesso ao segundo pavimento, ao contrário da forma do prédio 6.
- O prédio 5 tem dimensões menores do que o 3 e o 6, e apresenta partido em forma de "U", com apenas um pátio central, também em claustro de arcada salomônica. Com pouco ornato externo, caracteriza-se por ser o edifício mais simples na sua composição de fachada. No *hall* de entrada, do lado esquerdo, há amplo salão, que serviu de capela, com belo trabalho de relevo artesoadado e medalhões em gesso. Nesse mesmo *hall* ergue-se bela escada de marmorite e guarda-corpo de ferro, executado também por Luigi Martini, dando acesso a um amplo espaço com janelas que vislumbram o jardim central, como no prédio 3. O edifício correspondente ao prédio 5 na simetria da implantação geral não foi edificado.
- No centro e na posição posterior à entrada principal do conjunto arquitetônico do Seminário, está o prédio 4, que apresenta, como distinção, escada externa coberta, dando acesso ao jardim central. Esse edifício, originalmente proposto para os Refeitórios, apresenta, como

nos prédios 3 e 6, na parte central da fachada principal, frontão e bela sacada, com guarda-corpo trabalhado em ferro fundido. Caracteriza-se, também, em sua divisão interna, pelos amplos salões com grande ornamentação de teto, similar ao do primeiro andar do prédio 5, além de barrado almofadado de madeira, ornamentando as paredes. No *hall*, há decoração em molduras de gesso no teto e paredes, e uma escada em marmorite com acabamento em mármore na lateral dos primeiros degraus, e guarda-corpo em simples corrimão em metal dourado fixado nas alvenarias laterais. Na parede de fundo dessa escada aparece vitral liso em vidro fantasia colorido sem desenho.

- O prédio 8 está situado próximo e na parte posterior do prédio 4, porque originalmente apresentavam uma relação funcional entre a cozinha e o refeitório. Esse pequeno pavilhão 8 abrigava as madres que dirigiam a cozinha. Apresenta-se em apenas um pavimento, de partido quadrado, desenvolvido a partir de um pátio central limitado por um alpendre porticado em arco pleno, constituindo um pequeno claustro. As fachadas têm simplicidade decorativa, apresentando apenas uma platibanda com cimalha e telha cerâmica tipo colonial e, na elevação principal, uma varanda porticada com arco de círculo, mísula e colunas salomônicas, portas e janelas em madeira com vergas em arco pleno. Destaca-se a bela variedade de ladrilhos hidráulicos nos pisos.
- Os prédios 1 e 2, dispostos simetricamente na entrada principal do *campus* (destinados, a princípio, à Reitoria e Residência de Professores), apresentavam em sua planta original quartos, salas de visitas, salas de recreação e biblioteca, propondo aos seus moradores conforto para o trabalho, bem como lazer. Artesoados de madeira ou gesso que decoram os ambientes conferem-lhes um discreto aspecto de austeridade. Ambos os edifícios têm, nos seus *halls*, escada em marmorite com guarda-corpo de ferro trabalhado e corrimão dourado.
- O último edifício a ser construído foi o prédio 7, erguido no meio do jardim central, inicialmente proposto para a biblioteca; tem planta quadrada e internamente é organizado por um espaço central, por onde se tem acesso a quatro salões. Esse espaço do centro tem iluminação zenital, através de uma espécie de água furtada de forma cilíndrica que, juntamente com o telhado de quatro águas, confere ao edifício caráter e distinção arquitetônica. As fachadas são rigorosamente simétricas, duas a duas, e apresentam frontão e platibanda com cimalha e telhas cerâmicas tipo colonial. Os vãos de janelas e portas têm vergas trabalhadas e esquadrias em cantoneiras e perfis metálicos.

O conjunto arquitetônico do antigo Seminário do Coração Eucarístico de Jesus apresenta-se em bom estado de conservação e guarda suas características originais arquitetônicas externas; também tem sido mantida a seguridade integral da reserva ecológica – a mata da PUC•Minas – bens patrimoniais da cidade de Belo Horizonte. Internamente, os prédios sofreram algumas alterações necessárias ao novo uso – a Universidade –, sem comprometimento ou descaracterização do seu patrimônio arquitetural.

Referências bibliográficas

- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. **Dom Cabral e suas obras**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1943.
- ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. **Livro de tombo**. Belo Horizonte, 1922-1927.
- ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. O Seminário do Coração Eucarístico de Jesus. **O Horizonte**, Belo Horizonte, v. 5, n. 395, 1927.
- ASKAR, Jorge A. De patrimônio a bem cultural: evolução de um conceito. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, nov. 1991. Suplemento Especial.
- ASKAR, Jorge A. Reconstrução e imitação como alternativas da conservação. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, n. 4, 1996.
- FORTES, Rubens Sá. Restauração e alguns de seus critérios. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, nov. 1991. Suplemento Especial.
- PLAMBEL. **O processo de formação do espaço da região metropolitana de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: PLAMBEL, 1986. v. 1.
- PUC-MG: uma história que começou em 1958. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 23 dez. 1988. p. 25.
- SALGUEIRO, Heliana Angotti. O ecletismo em Minas Gerais; Belo Horizonte 1894-1930. In: FABRIS, Annateresa. **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Edusp/Nobel, 1987.
- SILVA, Olavo Pereira. Preservação e perda de bens culturais. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, nov. 1991. Suplemento Especial.
- VASCONCELOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos**. Belo Horizonte: UFMG, 1979.

